

## O deslocamento do dissidente em *A palavra que resta*, de Stênio Gardel

Alex Bruno da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, empreendemos reflexões sobre o deslocamento do protagonista Raimundo, do romance *A palavra que resta*, de Stênio Gardel (2021). A discussão aqui proposta permite problematizar a (des)construção das identidades a partir do trânsito do protagonista desse romance, investigando mais detidamente as sucessivas andanças que compõem sua trajetória de vida, pois há a partida do espaço de origem (sertão) para um espaço outro (metrópole) e, em algum momento, o protagonista retorna. A escolha partiu da percepção de que a narrativa articula a experiência do deslocamento à atuação dos papéis de gênero como norteadores identitários, deslocamento esse que implica uma mudança não apenas da geografia de trânsito, mas também da paisagem subjetiva. Diante disso, propomos pensar o corpo em travessia como um corpo que apresenta marcas dissidentes e discursos dissonantes dos formulados acerca de um corpo ideal, visto que os corpos deslocados pertencem a narrativas que foram, por vezes, deixadas às margens da crítica literária. Nesse sentido, a estratégia do romance em questão é evidenciar experiências sexuais dissidentes e desejos em deslocamentos, dando voz a subjetividades marginalizadas. Fundamenta-se a discussão nas proposições de Doreen Massey (2015), Louro (2020), Preciado (2017/2020), dentre outros.

**Palavras-chave:** deslocamento. Identidade. Corpo *queer*. romance brasileiro contemporâneo.

## The displacement of the dissident in *A palavra que resta*, by Stênio Gardel

**Abstract:** In this paper, we reflect on the displacement of the protagonist Raimundo, from the novel *A palavra que resta*, by Stênio Gardel (2021). The discussion proposed here allows us to problematize the (de)construction of identities based on the transit of the protagonist of this novel, investigating in more detail the successive wanderings that make up his life trajectory, as there is a departure from the place of origin (backlands) to another space (metropolis) and, at some point, the protagonist returns. The choice was based on the perception that the narrative articulates the experience of displacement with the performance of gender roles as identity guides, a displacement that implies a change not only in the geography of transit, but also in the subjective landscape. In view of this, we propose to think of the body in transition as a body that presents dissident marks and discourses dissonant from those formulated about an ideal body, since the displaced bodies belong to narratives that have sometimes been left on the margins of literary criticism. In this sense, the strategy of the novel in question is to highlight dissident sexual experiences and desires in displacement, giving voice to marginalized subjectivities. The discussion is based on the propositions of Doreen Massey (2015), Louro (2020), Preciado (2017/2020), among others.

<sup>1</sup> Pós-doutor em Estudos Literários pela UFG. Professor Adjunto de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Sudoeste, Quirinópolis, GO, Brasil. ORCID Id <https://orcid.org/0000-0001-6130-8592>. E-mail: [alexprofessor100@gmail.com](mailto:alexprofessor100@gmail.com)

SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - PPLIN

Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Número 53 (Setembro-Dezembro 2025) - ISSN: 2316-8838

DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2025.92559>

**Keywords:** displacement. identity. queer body. contemporary brazilian romance.

*[...] homem gostar de homem não é pra ser coisa de morte, é pra ser coisa de vida, cheia de vida, era cheio de vida que eu me sentia com Cícero...*

Stênio Gardel (*A palavra que resta*, p. 134)

*O próprio corpo humano é concebido como uma porção de espaço, com suas fronteiras, seus centros vitais, defesas e fraquezas, sua couraça e defeitos. [...] o corpo é um espaço compósito e hierarquizado que pode ser investido do exterior.*

Marc Augé (*Não lugares*, p. 58)

## Introdução

Os sujeitos dissidentes anseiam por políticas do desejo que contemplem o reconhecimento social dos corpos como são, além do reconhecimento de práticas sexuais que atravessem o discurso hegemônico que a humanidade construiu sobre a sexualidade. Pensar os afetos *queer*, nesse panorama, é perceber esses sujeitos, conforme nos fala o filósofo Paul B. Preciado (2017), como corpos-falantes que “reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas” (2017, p. 21).

O termo *queer* tem sido utilizado para inserir no debate a perspectiva dos que assumem o contradiscurso como força operante de suas vidas. Na observação de Judith Butler (2019), o termo *queer* tem operado historicamente como uma prática linguística que reivindica políticas mais institucionalizadas aos que são excluídos pelas normas regulatórias. A autora propõe pensar criticamente o termo para que não ocorra um conjunto de divisões sobrepostas entre gays e lésbicas, mulheres e homens, por exemplo. Dessa forma, o *queer*, como local discursivo, cujos usos não podem ser totalmente restritos, “deve ser salvaguardado não apenas para o propósito de continuar a democratizar a política *queer*, mas também para expor, afirmar e refazer a historicidade do termo” (2019, p. 381). Nessa direção, o *queer* permite explorar outras formas de

representatividade no campo literário, como um movimento de redefinição possível de discursos e de regimes de saber/poder que operam políticas de representação identitária.

Em seu livro *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, Guacira Lopes Louro expressa que é possível pensar o sujeito (corpo) *queer* como um viajante em trânsito e o importante em sua viagem, ao longo da vida, é o mover-se. Nesse sentido, a imagem da viagem, agregada às noções de deslocamento, desenraizamento e trânsito, interessa-nos para refletir não apenas sobre percursos ou trânsitos entre lugares e culturas, mas, também, para refletir sobre as transgressões de gênero e sexualidade. Isso porque, segundo a autora: “A viagem transforma o corpo, o caráter, a identidade, o modo de ser e de estar [...] As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele)” (LOURO, 2020, p. 14-15).

Para Paul B. Preciado, um dissidente dos espaços e de gênero, um corpo em constante transição, a travessia “é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência” (2020, p. 32). Travessia, nesse sentido, pode apresentar as formas de transitoriedade de gênero, de corpo e de espaço. Por isso, para o filósofo “a travessia exigia ao mesmo tempo flexibilidade e determinação. A travessia exigia perdas, mas as perdas [forçam] a inventar a liberdade” (PRECIADO, 2020, p. 36). Sob esta perspectiva, a viagem também pode ser compreendida como uma travessia e não um destino, em que o sujeito, para além da rota pré-determinada, lança-se em uma imprevisibilidade do caminho, aventura-se pelo risco da sexualidade/identidade estranha e subversiva.

Segundo a geógrafa Doreen Massey (2015), o entendimento da espacialidade envolve histórias múltiplas e co-existent, uma vez que o espaço jamais está acabado, nunca está fechado. Corpos em movimento produzem novas histórias e são fontes de produção de novos espaços, de novas identidades, novas relações e diferenças. Logo, é possível pensar o espaço a partir de uma concepção política, no qual o social é construído por meio de práticas concretas associadas às relações de poder. Pensar o espaço implica, desse modo, problematizar a maneira como os sujeitos o praticam. Para Massey, a mobilidade está relacionada à compreensão do espaço-tempo e à forma social de relacionalidade que a estrutura – “não é apenas uma questão de linhas em um mapa, é uma cartografia do poder” (MASSEY, 2015, p. 131).

A motivação para o trânsito promove uma viagem a outras temporalidades a partir de referências encontradas pelo caminho, pois conforme aponta Ianni (2003, p. 31): “no curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa”. O deslocamento de retorno instrumentaliza a tentativa de movimentação em direção ao próprio eu. Assim, podemos pensar a viagem não só no sentido físico, no espaço-tempo, mas também no sentido metafórico, como expressão de estar abstraído, alterado pelas surpresas e descobertas, “sob vários aspectos, a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades” (IANNI, 2003, p. 14).

Esta observação toca em questões levantadas por Stuart Hall (2014), em seu ensaio “Quem precisa de identidade?”, na medida em que aponta o termo identidade como ponto de sutura entre os discursos/práticas que tentam nos interpelar e os processos que produzem subjetividades e nos constroem como sujeitos. Para o autor, a perda do poder unificador das nações cede lugar à consciência subjetiva de cada sujeito aos quais se pode falar por meio da diferença (*différance*) e que, dentre outros aspectos, essa diferença pode ocorrer consideravelmente nas concepções do próprio corpo, já que “o corpo tem funcionado como o significante da condensação das subjetividades no indivíduo [...]” (2014, p. 122).

A ruptura com a ideia de uma identidade fixa, integral e originária tem evidenciado cada vez mais a “existência de um ‘eu’ inevitavelmente performativo” (HALL, 2014, p. 103) e, ao mesmo tempo, vem demonstrando também culturas cada vez mais heterogêneas. A identidade, para Stuart Hall, implica a noção de deslocamento, uma vez que ela é definida historicamente e não biologicamente. Por isso, para o autor, os descentramentos identitários são entendidos a partir da posição ocupada pelo sujeito no discurso em relação ao Outro. Ou seja, pensar as identidades no mundo contemporâneo é aceitar que elas são cada vez mais fragmentadas e construídas ao longo de práticas e posições de um eu constantemente em processo de transformação: “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

Aceitando, portanto, a tese de uma categoria espacial em justaposição à (re)construção de identidades (de gêneros, de culturas, de orientações sexuais e de idade),

caminhamos para além do trânsito espacial ou da viagem apenas como um deslocamento físico. Entender a viagem como espaço de formação da identidade/do corpo, ou seja, como experiência de (auto)conhecimento identitário é também arriscar-se a desconfortos e a incomodar, sobretudo, sociedades e/ou espaços heterossexistas.

É justamente este o ponto-chave que interessa aqui: a viagem é física, mas também de autodescoberta desses sujeitos/personagens errantes e passíveis de desconstruções. Aspecto este que reflete uma característica dos textos literários com temática homoerótica. É na intimidade do corpo que reside as manifestações dos desejos, cujo homoerotismo pode ser analisado como *locus* da movência e da errância dos corpos *queer*. No caso específico da proposta deste artigo, a representação de subjetividades/corpos dissidentes ou intitulados *queer* implica em uma subversão aos padrões convencionados na tradição literária e constitui, assim, uma literatura da diferença.

Nesse sentido, ao estabelecer relações entre viagem/deslocamento e a constituição identitária de sujeitos previamente reprimidos e subalternizados por suas sexualidades consideradas subversivas e anormais, são evidenciadas perspectivas a contrapelo, pois o trânsito, mesmo em espaços conflituosos ou adversos, atua como necessário para o (auto)conhecimento identitário das personagens. Em síntese: a metáfora da viagem, como destaca Guacira Lopes Louro (2020, p. 14), faz provocações para “refletir não apenas sobre os percursos, as trajetórias e o trânsito entre lugares/culturas ou posições-de-sujeitos, mas, também, para refletir sobre partidas e chegadas”.

O romance selecionado como *corpus* deste artigo incorpora a temática homoerótica e traz em seu enredo o deslocamento migratório de um sujeito dissidente em crise que sai do interior do sertão nordestino – seja em busca de uma vida melhor na grande cidade, seja na tentativa de compreender suas identidades/sexualidades fora do ambiente familiar –, como uma necessidade premente de romper uma condição de marginalização no interior da ordem social ou patriarcal. O que se nota mais detidamente em *A palavra que resta* (2021), romance de estreia de Stênio Gardel, na apreensão das nuances relacionadas à representação de sujeitos/corpos *queer* em situação de mobilidade, entre o espaço do interior do sertão e o espaço da metrópole, é o deslocamento de retorno e o reencontro com o passado que implicam, de certa forma, nas transformações identitárias que afetam a existência do protagonista Raimundo.

Cabe salientar, portanto, que os espaços são partes significativas na trajetória das personagens, funcionando muitas vezes como reguladores e formadores, atestando normas sociais que reservam aos sujeitos específicos lugares que podem ou não demonstrar seus afetos. Logo, o movimento de regresso, no romance de Stênio Gardel, não é um retorno de mero reencontro com o passado, tampouco uma atitude de sobrevivência socioeconômica, é, pois, uma experiência subjetiva rasurada não só por tempo e espaço, mas principalmente por tratar de uma identidade que não se adequa aos signos do sertão e à heteronormatividade.

Os deslocamentos configurados nessa obra apresentam, como argumenta Massey (1994/2015), a marca constante da possibilidade de múltiplas trajetórias. Assim, o enfoque central desta análise se erige no sentido de procurar aferir que o retorno ao lar pode aparecer na configuração espacial não como uma utópica nostalgia de conforto e proteção, mas como uma ferida aberta de desilusão e angústia. Além disso, esse deslocamento espacial promulga uma caracterização discursiva de corpos e sexualidades destoantes. São corpos dissidentes dos espaços e de gênero, ou seja, corpos em constante mobilidade.

### **Raimundo dos becos: “achava era bom esse monte de viagem”**

Em *A palavra que resta* acompanhamos a história de Raimundo, um senhor com mais de 70 anos que decide aprender a ler e a escrever, sobretudo porque traz consigo, há mais de cinquenta anos, uma carta nunca lida, de Cícero – seu amor da juventude. O romance tece uma trama que mergulha nos conflitos familiares de personagens simples nascidos no interior do sertão nordestino. O protagonista Raimundo, nascido nesse espaço agreste, não foi à escola para ajudar o pai nos serviços da roça. Cercado de todo tipo de preconceito, descobre, na juventude, o amor e o desejo pelo amigo Cícero. Ao serem descobertos pelas famílias, ambos são separados à força. Cícero some, mas deixa uma carta endereçada ao companheiro. Raimundo, após a expulsão de casa, migra para a cidade grande – a capital – tornando-se chapa, carregando e descarregando caminhão, cruzando as estradas do país com as chagas do passado e com a carta fechada e não lida. “A carta guardava uma vida inteira” (GARDEL, 2021, p. 12).

Trata-se, nesse caso, de uma narrativa em que os deslocamentos espaciais colocam em evidência a dimensão subjetiva das relações de pertencimento ou, ao contrário, de não reconhecimento e mobilizam imagens e discursos relativos à identidade. O sertão é o espaço cruzado pela estrada cuja simbologia margeada pelo trânsito circunscreve, no romance, a experiência subjetiva do protagonista em que o passado ressignifica o presente. O retorno ao lar, no caso do romance de Gardel, não é o final da travessia, mas uma parte dela. Não há também o sentido de acolhimento, pois o que motiva o regresso de Raimundo é a eminência da morte, bem como a busca de superar o trauma vivido no seio familiar ao ser expulso de casa pela própria mãe por ser gay. As memórias afetivas que se remetem ao lugar de origem, aqui, são dolorosas. Por isso, o movimento de retorno no romance de Gardel direciona o lar como uma imagem sempre em devir, um “não lugar” que leva a uma poética do deslocamento.

No capítulo “Estrada”, por exemplo, Raimundo viaja de ônibus em direção ao sítio do interior onde morava com os pais e a irmã. Nesse percurso, o capítulo se constrói pela oscilação de tempos engendrada na fluidez narrativa que intensifica a introspecção psicológica:

Tanta estrada que já percorri na vida me afastando dessa aqui, e agora é essa aqui que tenho que percorrer, as voltas que o mundo dá na gente, mas está certo, estou é certo, tenho que voltar lá antes de encontrar com a morte numa curva dessa, a mãe e o pai já devem ter morrido, minha esperança é encontrar Marcinha na nossa casa, tanto que pensei em vir antes, pra ver os dois de novo, talvez depois de velhos e eu depois de adulto, a gente pudesse ter se falado, deixado as palavras do passado mais pra trás ainda, abandonado elas na beira de uma estrada, Melhor tu ir pra longe, pois eu fui embora, mesmo, mãe, e a senhora, como viveu? Não teve um dia só que não pensei na senhora, sem saber como vocês ficaram, só sabia que a senhora queria que eu me afastasse, isso bastou, como é que eu ia viver do seu lado sabendo que dentro da senhora a senhora me queria longe, onde a vista não alcançasse, tão longe, que a lembrança fosse se esticando, uma ponta comigo, outra com a senhora, ela fosse se esticando e se afinando, até ficar mais fina que a linha que entra no olho da agulha, quem sabe até um dia se partir ou a gente soltar as pontas, a minha está comigo, um nó cego em volta do peito, e é com ela que estou voltando, virei costureiro, imagine! As vezes que ajeitei a máquina da senhora ou vi a senhora costurando, será que ia gostar de saber que teve um filho que costura? mas antes fiz trabalho de homem, como se diz, carregando e descarregando caminhão com a força dos braços, caçando longe, que só fazia se afastar cada vez mais, tinha gosto de ser chapa não, mas o serviço me apareceu, e eu sei bem o que estava me esperando quando saí de casa, aceitei, foi seu

Salviano que me ofereceu, foi ele que me deu carona aquele dia, gente boa Vai pra onde? Pra capital, eu acho, é longe, é?, acabou que a capital não era o destino dele, mas não me incomodei não, havia de ter outro longe por aí, e fui, vendo o mundo passar pela janela do caminhão, mas veloz que a correnteza do rio (GARDEL, 2021, p. 79-80).

O excerto enfatiza o trânsito entre sertão e cidade cujo fluxo de consciência de Raimundo, ao longo do trajeto na estrada, dimensiona as memórias para a juventude na fazenda com a família causando, com isso, uma hesitação em retornar ao espaço de origem, uma vez que o protagonista não se identifica mais com aquele espaço opressor. Aqui, tempo e espaço agregam-se na medida em que a composição da personagem depende da relação intrínseca que estabelece com a própria figura da estrada e com o movimento de retorno. Em sua viagem de regresso, dentro do ônibus “num pinga-pinga!” (GARDEL, 2021, p. 83), Raimundo revela o desejo do reencontro com a mãe, além de confidenciar suas dores e transformações pessoais durante o tempo longe, “pulando de boleira em boleira, procurando canto que não conhecia ainda, [...] achava era bom esse monte de viagem, tem muita coisa pra se ver nesse mundo [...]” (GARDEL, 2021, p. 82).

Dentro do ônibus, as lembranças do passado de Raimundo vão se sobrepondo umas às outras, modificando a ordem em que estavam inseridas, com mínimo encadeamento semântico em decorrência da fluidez narrativa e da fragmentação interior:

Eu não posso me afogar nem deixar que me afoguem, o corpo pode ficar escondido debaixo d’água, do pescoço para baixo, mas a cabeça, só acima da linha d’água, a cabeça ninguém vê dentro mesmo, nem sou obrigado a mostrar o que sou a seu ninguém, fiz isso com Cícero, depois todo mundo descobriu, deixar alguém te entrar desse jeito, revirar tudo, arrumar do jeito dele e depois vai embora, batendo a porta na tua cara, aí deixa uma carta, uma carta pra uma pessoa analfabeta, filho da puta! pra quê? [...] é a última coisa desse mundo que me liga a ele, se não posso ler posso pelo menos tocar, as lembranças e os sentimentos tudo, de tudo que eu vivi aqui, tudo que estou deixando pra trás está vindo comigo nela.

– Eita, já bateu saudade, Raimundo? Se quiser te deixo num ponto que os ônibus param e tu volta.

– Não, senhor, pra mim não tem volta não.

mas estou voltando, tarde, eu sei, entrar de novo na casa, ver o sítio com a vista curta, se tiver força vou até o rio, será que a Marcinha tem

notícias dele? se ele ainda mora por lá, se fez família, essas perguntas bestas que ficam voltando. Só encontrar uma fresta que elas se arrastam, se sopram pra dentro da cabeça, de que adianta? melhor nem tocar no assunto, pergunta da vida dela, da nossa mãe, do nosso pai, da família dela, os netos, faz muito tempo, ela tinha quinze anos? fala de como tu está, da vida que levou esses anos tudinho viajando de caminhão, o mar, Marcinha, o mar, as serras que a gente anda por dentro da nuvem, tinha gosto de ser chapa não, mas foi bom por esse lado das andanças, se não tivesse ajudado seu Salviano a descarregar as sacas de arroz, [...]

(GARDEL, 2021, p. 80-81).

É no percurso de regresso que a imagem do presente impõe, reiteradamente, o sertão do passado. Por isso, o trânsito espacial da personagem evoca um retorno temporal: Migrantes imaginam ‘o lar’, o lugar em que costumavam estar, como costumava ser” (MASSEY, 2015, p. 181). Raimundo regressa em busca de si mesmo, de entender sua história, de rever seu passado e de preencher lacunas para seguir em frente, ou melhor, de reencontrar finalmente com o remetente da carta nunca lida: “eu acho que estava com vontade de acabar te encontrando nessa viagem e você ia poder me dizer, eu poderia ouvir de tu mesmo o que tu colocou no papel” (GARDEL, 2021, p. 136).

Tendo em vista os aspectos que envolvem a viagem e os viajantes, é possível afirmar que o sujeito que parte de um espaço e retorna após algum tempo não é a mesma pessoa que era quando deixou, dessa forma, além de uma possível transformação nesse espaço, como argumenta Massey, há que se considerar a mudança que ocorreu dentro do próprio sujeito. Nesse viés, é possível entender o espaço como “uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política” (MASSEY, 2015, p. 15).

O motivo da viagem de Raimundo, sem dúvidas, é uma referência ao conflito existencial, marcada sobre a ausência e convertida em carta. É a dúvida que resta, sua sina de vida. Ao voltar ao passado, Raimundo precisa encarar seus fantasmas regados por violências, intolerâncias e traumas. Logo, a figura da estrada alia-se à representação de um desejo de liberdade homoerótico de um homem que ficou velho sem saber ler, mas nunca esqueceu do amor que deixou em sua terra natal:

Ela não sabia nada de Cícero, ela disse, mal tinha começado a conversa, Ele não mora mais no sítio, parece que foi embora com o irmão mais velho, pouco depois que tu saiu de casa, um dia fui lá, falar que tu não tinha deixado eu ler a carta [...] e o que tu fez da carta, Raimundo?

Guardei, estou com ela aqui, mas não li ainda, ela pediu de novo pra ler mas eu não deixei, e continuo sem saber nada dele, essa viagem ia dar nisso, sabia, sabia que ia dar nisso, mas deu pra rever minha irmã, que já é avó, e o abraço que ela me deu, enquanto chorava no meu ombro e eu no ombro dela, Achei que não ia mais te ver, meu irmão, rezava todo dia, mas a fé foi diminuindo que nem pedra do rio vai desaparecendo com o alisar da água de tantos e tantos anos, Raimundo, mas agora tu está aqui na minha frente, e fico muito feliz, meu irmão, muito obrigada, que eu tinha esse sonho de te ver de novo antes de morrer, e eu também fiquei feliz de ter vindo te ver, minha irmã, e te falar que estava bem, tinha me aprumado na vida, não do jeito que o pai queria, de um jeito melhor, A mãe me contou o que foi, Raimundo, depois de um tempo, eu desconfiava, o jeito que tu foi embora, mas quando soube de certeza eu até fiquei uns dias brigada com ela e gritei com o pai também, não podia acreditar que tinham te afastado de mim, te mandado pra andar sozinho na vida por causa disso, fiquei pensando, naquela época, se tu tivesse me dito, eu podia ter te ajudado, não sei, minha irmã, com a ruma de coisa que aconteceu aqueles dias, foi melhor não ter falado nada, e ia me doer demais se minha história com Cícero te afastasse de mim também, como tinha afastado o pai e a mãe (GARDEL, 2021, p. 85-86).

O excerto confirma que para avançar rumo ao futuro o retorno ao passado é necessário. As reminiscências, durante o trajeto da viagem de ônibus, surgem como um processo de cicatrização das feridas internas. Rever a irmã Marcinha é a motivação principal para o retorno, dado que ela foi a única pessoa acolhedora após a descoberta da homossexualidade de Raimundo pelos pais. O lar, nesse caso, assume conotações que vão além do espaço de conforto e abrigo para designar os espaços de subjetividades feridas. Neste contexto, o lar representa um constante deslocamento de adiamento ou reformulação. Esse entre-lugar por vezes desconfortável e instável, pois, conforme nos fala Marc Augé, para o viajante/errante “só o movimento das imagens deixa entrever, por instantes, àquele que as olha fugir, a hipótese de um passado e a possibilidade de um futuro” (AUGÉ, 1994, p. 81). Logo, a viagem de regresso coloca em evidência a representação de algo em suspense, a busca pela (re)configuração do passado:

essa viagem só podia dar dá nisso, eu vim aqui achando que não queria saber dele e agora essa perturbação não passa, saber dele pra quê? se pelo menos eu soubesse o que diz a carta, devia ter deixado ela no rio, esquecer essa história de ler e escrever [...] por que não foi lá no rio me falar o que era e pronto? inventa uma carta, uma carta para uma pessoa que não consegue ler! aí a carta se arrasta, está aqui, se duvidar mais inteira que eu, a desgrama, devia ter jogado ela pela janela do caminhão

de seu Salviano, isso sim, hoje não estava aqui, nessa peleja de pensamento, e esse ônibus num pinga-pinga! (GARDEL, 2021, p. 88).

A imaginação do retorno para os locais de origem é problemática porque implica “voltar tanto no tempo quanto no espaço. Voltar para as antigas coisas familiares, para o modo com que as coisas costumavam ser”, para retomar mais uma vez Massey (2015, p. 183). Por esse viés, é comum ocorrer que os retornados desconsiderem ou esqueçam as mudanças sucedidas durante o tempo longe. Entretanto, a geógrafa assinala que não se trata de encontrar espaços menos identitários, mas locais transformados ou multifacetados. É o que Raimundo se dá conta ao refletir sobre a passagem do tempo e quando chega no rio – ponto do último encontro com Cícero antes da separação. Diante da cruz na beira do rio, símbolo que direciona a memória traumática de toda a família, Raimundo entende que “nunca se pode simplesmente ‘voltar’, ir para casa ou para qualquer outro lugar. Quando você chega ‘lá’, o lugar terá prosseguido assim como você terá mudado” (MASSEY, 2015, p. 183-184).

Ao retornar, Raimundo reconhece que a vida é repleta de incertezas, assim como a mensagem da carta nunca lida e o próprio destino de Cícero:

[...] eu fui deixando, fugindo, ainda estou fugindo, fugindo de mim, como fugi muito tempo, agora tento fugir do que vou ser depois da leitura da tua carta, e eu trouxe ela aqui pensando em jogar no rio, tanta vez que já pensei em dar cabo desse papel mas nunca fui até o fim, tenho mais uma chance agora, deixar o rio dissolver e afundar tuas palavras, já que não vou saber mais de tu mesmo, e se eu aprender a ler e puder responder, eu não ia poder te mandar e tu nunca ia descobrir o que eu escrevi, se pelos menos eu soubesse onde tu está, se está vivo ainda, me esperando,

– Tu está esperando uma resposta minha, Cícero?

uma resposta que podia ter dado naquele dia, mas *agora eu estou aqui de novo, na cruz do rio, depois de tanto tempo*, e não tenho mais tempo assim, a vida vai se fiando de um dia mais frágil que o outro, eu preciso alcançar tua carta e olhar pra trás, descobrir o que fiz da minha vida (GARDEL, 2021, p. 137).

Nos limites do rio, a focalização interna no protagonista expressa seu desejo de reencontro com Cícero, o que não acontece. A cruz finca na terra um marco sobre a falta, a ausência e, com isso, o retorno ao lar se complica pela lacuna entre o sonho da vida ao lado de Cícero e a concretização desse sonho. Por isso, podemos afirmar que em *A*

*palavra que resta* a viagem de retorno ao espaço de origem estabelece uma fratura por meio de uma memória fragmentada. O retorno, para Raimundo, produz também a possibilidade da reescrita do lar, pois conforme aponta Hall (2003, p. 416) é “impossível voltar para casa de novo”, no sentido que o lar idealizado nunca será o mesmo depois da experiência do trânsito.

Raimundo, nesse sentido, reescreve seu lar no espaço urbano. É na cidade que ele conhece a travesti Suzzanný, personagem extremamente importante para a mudança interna do protagonista. Ela, primeiramente, aborda Raimundo na saída de um cinema pornográfico. Os dois se desentendem de imediato e, posteriormente, se envolvem em uma violenta briga. Depois desse conflito, o protagonista se solidariza com a situação e ajuda Suzzanný, e a partir de então, se tornam amigos e entendem cada vez mais a realidade um do outro:

Quando a gente sai na rua é desse jeito, fica segurando minha mão, ainda hoje tem gente que estranha, homem velho de mão dada com travesti velha, uns cochichando de um lado, uns olhando atravessado de outro, deixa estranhar, um dia eles aprendem, eu aprendi, eles aprendem, mas tem que querer, querer sair da ignorância, é quase como eu querendo aprender a ler e escrever, tomei a decisão de ver o mundo de outro jeito, me sentir mais dentro dele, porque a ignorância faz é isso, exclui, isola, e não era isolado que eu vivia?” (GARDEL, 2021, p. 97).

Juntos, Suzzanný e Raimundo, constroem um lar afetivo. A partir desse contexto, abre-se espaço para a aceitação e para os laços de amizade. É Suzzanný quem o incentiva a aprender a ler e a escrever, como também o apoia na descoberta da profissão de costureiro. Longe de ser um lar idealizado, a união de Raimundo e Suzzanný é, antes de tudo, um lar em construção, uma possibilidade de mudança as convenções de gênero às quais estiveram durante tanto tempo aprisionados:

— Tu não tem casa não, Raimundo?  
 — Tenho não, vivo por aí, casa pra quê?  
 — Como eu vou me virar quando sair daqui? Se eu ficar na casa da velha não vou ter como pagar nem minha comida, aquela velha não divide nem pão dormido, e tu viu,  
 ela só vai deixar eu entrar se eu pagar, vou ficar na rua, adoentada e na rua.  
 — Eu te ajudo, não tenho muito não, chapa ganha uma miséria, mas gasto pouco, eu

pago o resto do aluguel, arrumo algum trabalho pra fazer, te ajudo esse tempo de repouso [...]

foi bom ter parada fixa um tempo, canto pra ficar, dormir numa cama que preste, mesmo essa, colchão puído, mas é uma cama, faz bem pra dor nas costas, dormir debaixo de um teto, e tem banheiro que não é público, quase trinta anos de chapa (GARDEL, 2021, p. 122-123).

O que podemos observar é, justamente, um “processo de agenciamento”, para dialogar com a expressão utilizada por Sandra Goulart Almeida (2015) ao se referir as imaginações do lar e da terra natal que surgem nas narrativas diaspóricas contemporâneas, vislumbrado por esses sujeitos *queer* no espaço de deslocamento, de corpos às margens. Contudo, ao invés de adotarem um discurso marginalizante, as personagens apontam para um futuro possível. A permanência em uma casa simboliza o início do processo de aceitação, bem como inaugura um ato de resistência. Raimundo e Suzzanný são sujeitos migrantes que, ao questionarem a arquitetura política e jurídica do colonialismo patriarcal, da diferença sexual e do Estado-nação, “situam um corpo humano vivo nos limites da cidadania, talvez até daquilo que entendemos por humanidade”, conforme enfatiza Preciado (2020, p. 31). Além dos deslocamentos geográficos, linguísticos ou corporais, o que caracteriza a viagem é a transformação radical não somente do viajante, mas também da comunidade humana que o acolhe e rejeita.

Além disso, o processo de estruturação de um corpo dissidente é complexo, prova disso é a configuração do corpo em *A palavra que resta*. Raimundo, desde criança, é marcado pela falta – educação, afeto, horizontes –, de tal modo que aprende, na carne e na alma, os significados de um ideal de masculinidade, idealizada pelos discursos conservadores, legitimadores e hostis, e, como consequência dessa falta, sofre constantemente práticas simbólicas e concretas de violência: “Gente torta, povo imundo, foi isso que o pai lhe disse. Sujo. Não de terra, nem de lama, nem de areia e sangue como ele estava agora. Não era sujo na pele, do lado de fora. Era dentro, lá onde ele era” (GARDEL, 2021, p. 61). Suzzanný, por sua vez, é uma personagem que explicita as raízes da transfobia, demonstrando o caráter factício de todo gênero, a não-existência de um original autêntico – “sua aberração dos infernos” (GARDEL, 2021, p. 104).

Quando a subjetividade se depara com o inabitual, é como se não tivesse o direito à existência. Assim, a saída é fazer cisões, desvios e travessias. Se a representação do corpo *queer* divide espaço com a temática da mobilidade em *A palavra que resta*, o

romance também expressa as tensões identitárias e as diferentes formas de estranhamento de nosso tempo, a partir da representação da diferença – de experiências/corpos que ainda estão à margem.

### Considerações finais

Em *A palavra que resta* observamos de perto a intersecção entre o corpo dissidente e as experiências de deslocamento. As travessias e os desejos performados no romance de Gardel falam sobre a diversidade sexual, provocam o leitor, procuram erodir discursos hegemônicos, evidenciam subjetividades em trânsito e denunciam uma visão heterocentrada da sexualidade.

Nesse sentido, o estranhamento *queer* aponta para um sentido transgressor de diligência ética, ainda que as personagens enfrentem brutalidades e preconceitos que lhes foram destinados por forças socioculturais. São vivências que se revestem de um significado ímpar, quer seja pela subjugação e violência sentidas no corpo ou pelo agenciamento que se constrói também por meio do corpo. O protagonista Raimundo, por exemplo, efetua uma viagem de retorno ao lar, mas também uma jornada de aprendizado pessoal e subjetivo.

Embora conduzido no presente da narração por uma instância narrativa cuja voz em terceira pessoa funde-se com suas reminiscências, Raimundo reflete sobre o seu trânsito externo e interno. Por isso, o reencontro com o espaço há muito tempo perdido, mas nunca esquecido, desempenha o duplo papel de apreender-se para, então, apreender o outro. O que resta, para Raimundo, dentro da carta que hesita em abrir, é fazê-lo achar suas próprias palavras.

Como vimos, o protagonista retorna ao sertão com o objetivo de algo mais profundo e não deseja resignar-se, o sertão não é o lugar que representa o lar idealizado. Pelo contrário, é o espaço urbano que proporciona ao protagonista Raimundo possibilidades de configuração do sentido de um lar afetivo. É na cidade que Raimundo assume sua identidade dissidente.

Por fim, em *A palavra que resta*, narrar a experiência da travessia, seja ela espacial ou identitária, é também narrar o transitório, o entre-lugar, o ambíguo que se instaura nos liames entre o (não)pertencimento e a errância, o desejo e a interdição, o gozo e a dor.

Assim, a subjetividade *queer* emerge como destoante da ordem fundada na tríade Estado, religião e família tão presente na formação identitária do protagonista Raimundo.

## Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria L. Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2019.

GARDEL, Stênio. *A palavra que resta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103-133.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: \_\_\_\_\_. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 11-31.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Recebido em: 27 de junho de 2025.

Publicado em: 20 de dezembro de 2025.